

No começo do ano, uma ameaça pairava sobre a primeira eleição direta presidencial em 29 anos no Brasil: com a vitória eleitoral do PT em 36 municípios, em novembro do ano passado, e o favoritismo do candidato do PDT, Leonel Brizola, nas pesquisas, tudo indicava que a disputa se limitaria mesmo ao âmbito das esquerdas. Essa era, evidentemente, uma situação artificial, pois a maioria do eleitorado brasileiro não professa a ideologia esquerdista. Se tal situação perdurasse, a limitação da disputa poderia, até mesmo, representar um risco para a estabilidade democrática e a realização do pleito. Mas um fenômeno diferente na política brasileira alterou substancialmente, nos últimos meses, o quadro sucessório: o furacão Collor.

A candidatura do PRN à presidência da República chegou ao surpreendente primeiro lugar nas pesquisas de opinião pública por representar, para o brasileiro comum, a negação da política tradicional e o combate ao desperdício na administração pública. Mas ela se distanciou ainda mais dos concorrentes por problemas intrínsecos das candidaturas tidas como favoritas no início da campanha. O ex-governador do Rio não tem conseguido captar novos adeptos, pelo simples fato de não

apresentar um projeto-coerente de governo. Ele pretende substituir por um currículo a plataforma exigida pelo eleitor, ressaltando com os proprietários de biografias pomposas, que não conseguem funcionar de acordo com o esperado, na hora de assumir a gerência dos negócios públicos.

O candidato tido como o provável rival de Brizola na luta interna entre as esquerdas, o deputado Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, tem sofrido, na realidade da campanha eleitoral, impactos ainda mais sérios, que vêm reduzindo, impiedosamente, seus índices de preferência nas pesquisas. O primeiro deles é a paralisia administrativa com que os prefeitos eleitos pelo seu partido têm punido os eleitores dos municípios que os elegeram, principalmente Luiz Erundina de Sousa, em São Paulo. O segundo é o grevismo exagerado, que causa transtornos inegáveis à vida do brasileiro. A associação do grevismo com a paralisia administrativa tem funcionado como uma pedra pesada, que arrasta o barco da candidatura do PT para o fundo do mar.

Os baixos índices de preferência do eleitorado podem não ser definitivos, como, aliás, raramente o são. Mas já tiveram o condão de, pelo menos, convocar ao realismo político, se não o partido como um todo, pelo menos, o can-

Um surto de sensatez

Elucida Presid.

didato, pessoalmente. Na entrevista publicada anteontem pelo *Estado*, Lula não reconhece expressamente o prejuízo causado pela má administração dos prefeitos petistas às suas pretensões presidenciais, mas, pelo menos, já admite que seu partido não conseguiu "criar uma cara administrativa", o que não deixa de ser um eufemismo da constatação do malogro administrativo municipal do PT. Da mesma forma, recusa-se a reconhecer ser o excesso de greves nocivo à candidatura, mas, ao mesmo tempo, sugere formas alternativas e menos violentas ao estilo selvagem da convocação de greves, adotado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), o braço sindical do partido.

A queda de sua candidatura nas pesquisas de opinião pública proporcionou ao deputado petista a oportunidade de fazer uma autocrítica lúcida e serena, embora não tenha, ainda, conseguido afastar de sua cabeça conceitos retrógrados, como o de atribuir ao endividamento externo a causa de todos os males que assolam o frágil organismo da economia brasileira. Essa redução nos índices tem provocado em Lula um surto benigno de sensatez. Talvez se deva atribuir a esse solavanco sua inteligente observação: "É preferível pagar melhores salá-

rios ao trabalhador e cobrar o paçozinho mais caro do que subsidiar o trigo para o pão ser mais barato". O impacto ainda não foi suficientemente forte, contudo, para elucidar o presidencial operário de que a questão da estatização versus privatização não é — como equivocadamente ele definiu — "falsa".

De qualquer maneira, a entrevista de Lula ao *Estado* é mais uma prova de que as ilusões utópicas do socialismo só podem ser combatidas pelo realismo quase didático dos processos eleitorais livres e abertos, como este vivido agora no Brasil. Como, aliás, reconheceu o próprio deputado federal petista na entrevista ao *Estado*, ao comemorar a expressiva vitória do sindicato Solidariedade nas eleições para o Parlamento polonês e ao condenar a violenta repressão do governo chinês à manifestação pacífica na praça da Paz Celestial, em Pequim. Lula está certo ao afirmar que é preciso realizar eleições diretas e livres "sempre". E, se os socialistas quiserem se manter no poder, terão de provar aos eleitores que são os melhores administradores. Como o PT não está conseguindo fazer nas 36 prefeituras que ganhou nas urnas, e a sra. Margaret Thatcher tem mostrado saber fazer nesta última década, na Grã-Bretanha.